



00110 02A

"HISTÓRIAS DA NOSSA INFÂNCIA"

peça infantil de Sergio Ilha

PERSONAGENS:

TIO BELARMINO

CANDINHO

DR. BAPTISTA

I ANO

A TARA

O TUTU MARABEIA

O SACI

O PRÍNCIPE BARNABÉ

A MULA-SEM-CABEÇA

Uma menina

## ATO ÚNICO

**CENÁRIO:** Um casebre de madeira, velho e em péssimo estado de conservação. Junto à janela da casa, vê-se uma gaiola de passarinhos. À frente da porta, uma cadeira preguiçosa, já quebrada. Objetos de pesca, objetos de pouco uso, empilhados dentro e fora da casa. À frente do casebre, um telhadinho e uma avarandado pequeno, sob o qual está a cadeira já referida. Ao fundo vê-se uma lagoa, sugerida pela alta vegetação ao seu redor. Algumas árvores, retorcidas, completam o cenário de ambos os lados.

### CENA I

Tio Belarmino, um homem idoso e de condição humilde, está sentado em sua cadeira preguiçosa. Perto dele está um menino ouvindo atentamente o que ele diz.

**BELARMINO**

...E assim, o príncipe casou-se com a princesa das esmeraldas e o dragão cospe-fogo foi devorar gente noutra freguesia (ri-se um pouco da solução da estória)

**CANDINHO**

Esse dragão é o mesmo que São Jorge matou, tio?

**BELARMINO**

Não, menino, esse é outro mais terrível...ninguém conseguiu matar ainda não!

**CANDINHO**

Ainda bem que não existe dragão por essas bandas, né, tio?

**BELARMINO**

E quem disse que não tem, meu filho?

**CANDINHO**

(confiante) Ué, eu sei que não existe...nunca vi um!

**BELARMINO**

Muita coisa existe e a gente nunca pôs os olhos em cima, sabia meu filho?

**CANDINHO**

Mas eu só acredito no que posso ver, tio.

**BELARMINO**

Você não tem alma, menino?

**CANDINHO**

Tenho, todo mundo tem.

**BELARMINO**

E você já viu sua alma, viu?

**CANDINHO**

Uai, não vi não. Mas sei que tem.





BELARMINO

Pois então, meu filho? Aposto que você nunca viu um príncipe.

CANDINHO

Ea não. E existe, tio?

BELARMINO

Agora, tem pouco príncipe, mas já teve tempo, quando os home andavam de cavalo, que não faltava príncipe e princesa por todo o mundo.

CANDINHO

E dragão, existe ainda?

BELARMINO

Quem duvida é leuco, filho. Mas nos tempo antigo, tinha cada bicho tão grande que dava medo. Os home daquele tempo, se escondiam nas caverna de medo deles, menino!

CANDINHO

Tio Belarmino, como o senhor sabe coisas!

BELARMINO

Tudo isso tá num livre que esse velho leu uma vez. Fode acreditar. (pitando o cachimbo) Mas agora já tá escurecendo, Candinho, Vai pra casa, que sua mãe deve té aflita, coitada.

CANDINHO

Ah, tio, eu não sou mais criança!

BELARMINO

Sei, meu filho... mas mãe fica sempre preocupada... vai... depois você volta.

CANDINHO

Tá certo. Amanhã eu volto, para o senhor contar outra estória.

BELARMINO

Quanta você quisê... vai, vai...

(ri-se, levantando da cadeira) Esse menino tá crescendo que nem jequitibá. Tá alcançando quase este velho;;;

(Penetre na casa e a cena escurece completamente)

## CENA II

(É dia claro. Tio Belarmino sai da casa, pitando o cachimbo. Surge o Saci, que deverá ser feito por um fantoche)

BELARMINO

Daqui a pouco o Candinho já tá chegando...

SACI

Me dá um pouco de fumo, compadre!

BELARMINO

(que não o havia visto, à princípio) Uai, diabinho, sai daqui moleque da peste!



SACI

Um pouco de fumo!

BELARMINO

O fumo tá caro, moleque... (o saci dá uma gargalhada) Hum...  
Alguma traquinagem você tá aprontando, moleque.

SACI

Me dá o fumo, que eu conto tudinho!

BELARMINO

(dando-lhe um pouco de fumo) Conta e que, pestinha sem dono,  
que é que andou fazendo dessa vez?

SACI

Vi, na curva da estrada, um excomungado... um cara metido a im-  
portante com maleta e tudo... vinha pra cá.

BELARMINO

E daí, moleque?

SACI

Dai, que ele vem de cara feia e pisando forte... parecia o ca-  
peta!

BELARMINO

E que você fez, diabinho com o pobre homem?

SACI

Larguei pó de mico na roupa dele... deve tá ainda se coçando!  
(diverte-se com a brincadeira)  
Olha, aí vem ele... cuidado, compadre, brigado pelo fumo!

BELARMINO

Desaparece, pestinha. (O saci desaparece. Entra um homem de meia  
idade, com uma maleta pequena e óculos de sol. Coça-se disfar-  
cadamente, de mau humor)

### CENA III

BATISTA

Bom dia.

BELARMINO

Bom dia, patrão.

BATISTA

O senhor mora aqui?

BELARMINO

Sim, senhô, mas porque tá perguntar?

BATISTA

O senhor tem escritura do terreno?

BELARMINO

Escritura (como se não soubesse bem o que significa)... não  
senhô.

BATISTA

Na certa, o senhor deve saber que está morando ilegalmente.

BELARMINO

I...Ilegalmente?

BATISTA

É fora da lei.

BELARMINO

Eu, não senhor...nunca fiz nada contra a lei, graças a Deus!

Mas, afinar das contas quem é o senhor, patrão?

BATISTA

Pode me chamar de Batista...Dr. Batista.

BELARMINO

Bão, embora o senhor não se interesse de saber...eu sou Belarmino, mas sem Doutô na frente do nome.

BATISTA

(correndo polidamente) Muito prazer (aperta-lhe a mão, limpando a sua disfarçadamente, após o cumprimento)

BELARMINO

O prazer é meu, senhor Doutô.

BATISTA

O que me traz aqui...

BELARMINO

Já ia perguntá pro senhor.

BATISTA

É um assunto um tanto sério...e gostaria de contar com a sua compreensão...

É que tenho comigo um mandato de demolição e limpeza total desta área em que infelizmente, o senhor reside.

BELARMINO

O senhor doutô tá brincando com esse velho.

BATISTA

Não estou brincando. O terreno onde o senhor está morando não é de sua propriedade, isto é, não lhe pertence, o senhor compreende?

BELARMINO

Mas a casa fui eu que construí com as.s mãos.

BATISTA

Porém o senhor apoderou-se de um terreno...

BELARMINO

Quando eu cheguei aqui, me apercebo, seu doutô, ninguém era dono...ninguém queria saber dessas banda. Era puro mate.

BATISTA

(olhando-o com falsa simpatia e amabilidade) Mas já havia um proprietário, meu amigo. Tenho todos os documentos necessários para provar o que estou dizendo.

(Candinho aparece e ao ver o estranho, esconde-se)

BELARMINO

Como é que quando cheguei aqui, ninguém veio mostrá papel nenhum?



BATISTA

(mostrando os papéis) Bem, aqui estão eles, caso o senhor duvide...oh, desculpe (afasta os papéis) o senhor não deve saber ler.

BELARMINO

Sai, sim senhô. (Lê, porém não entende muito) (depois de ler os documentos) E pra que é que vão me botá pra fora, não encomendo ninguém, não senhô?

BATISTA

(mostrando um mapa, uma planta de construção) É necessário... Está vendo? Vamos construir exatamente nesta região...

BELARMINO

O que é isso, patrão? (um tanto alarmado)

BATISTA

Uma planta de construção de um dos maiores hotéis do país... milhares de toneladas de cimento e ferro... (alegre) que arquitetura, han? Um paraíso para turistas... um hotel de veraneio... uma nova Babilônia!

BELARMINO

Vão derrubá a minha casa, só pra construí esse troço aí?

BATISTA

Sim, senhor... boa parte da mata perto da casa, será derrubada, para obtermos o espaço necessário para a construção. Quanto à lagoa...

BELARMINO

Vão mexê na lagoa também?

BATISTA

Sim, vamos limpar a lagoa, para que os banhistas possam nadar despreocupadamente. O senhor sabe, pedrinhas, areião...

BELARMINO

(alarmado) E a Iara, onde vai mora, patrão?

BATISTA

(sorrindo, indulgente) Iara?

BELARMINO

É, sim senhô, é uma moça muito bonita que mora no fundo da lagoa.

BATISTA

No fundo da Lagoa? (afasta-se um pouco, sorrindo) Bem... eu compreendo. Voltarei aqui mais tarde... com alguns ajudantes. O senhor não precisará se preocupar... há hospitais para o seu caso. O senhor ficará bem amparado... (sem apertar-lhe a mão) Foi um prazer conhecê-lo.

BELARMINO

(Chamando o homem que se retira, quase azedrontado) Ei, espere aí, seu doutô, eu não disse que concordava...

(para si, matutando) Hospitá? Eu não preciso desses troço?





ORIGINAL

CENA IV

(CANDINEO APARECE)

BELARMINO

Você táva aí, meu filho?

CANDINEO

Tava sim... e escutei tudo!

BELARMINO

Aquele home tá querendo levá a minha casa e me tirá daqui.

CANDINEO

Ele chamou o senhor de louco... biruta... vai mandar o senhor para um hospício.

BELARMINO

Mas eu não tô doente, meu filho... doente tá ele!

CANDINEO

A gente não pode deixar que isso aconteça...

BELARMINO

E ele pode fazê isso, menino?

CANDINEO

Acho que sim. Acho que pode, pode mesmo.

BELARMINO

Prefiro marrê a saí daqui.

CANDINEO

O senhor vem morar com a gente lá na fazenda.

BELARMINO

Não, Candinho, não... o meu lugar é aqui, junto com os bichos, e aqui, a princesa da lagoa. Só saio daqui morto.

CANDINEO

Tio, existe mesmo aqui e esta princesa das águas?

BELARMINO

Acho que eu tô mentindo, meu filho?

CANDINEO

Não é lenda, não?

BELARMINO

É que você, meu filho, não conhece bem a mata. A esta hora a Iara, a princesa da lagoa, vem à tona, pentear o cabelo. (Ouve-se o canto da Iara. Finalmente ela surge)

CANDINEO

Pura, ela existe mesmo!

BELARMINO

(para a Iara) Como vai, princesa?

IARA

Nada bom. Não consegui dar jeito no cabelo. Meu espelho de madriperelas caiu sobre uma pedra e partiu-se em mil pedaçes!



BELARMINO

Não fica triste, princesa. Eu mando o Gandinho comprar um espelho novo, na cidade, pra você.

IARA

Obrigada. Quem é este rapaginho?

BELARMINO

É o meu menino, meu sobrinho emprestado...

GANDINEO

(chateado) Não sou menino, sou homem, tio, que bobagem!

IARA

(aproximando-se) Hum...estou vendo?

Quer ser o príncipe da lagoa e casar comigo?

GANDINEO

(correndo para ela) Claro!

BELARMINO

(segurando o menino) Espera aí, menino!

(para a Iara, em tom de censura) Princesa, o Gandinho não tem idade pra se seu marido, nem príncipe da lagoa, não é peixe!

IARA

(Para Gandinho) Não dê atenção para este velho bobo...(desaparece no meio da lagoa)...e se mudar de ideia!

GANDINEO

Como ela é bonita, tio?

BELARMINO

Essa mulher é perigosa, meu filho. É a princesa das águas e muito homem direito já caiu na lagoa por causa dela...poucos saíram vivos de lá, Gandinho.

GANDINEO

Então, ela é má?

BELARMINO

Acho que não...é mulher como as outras, só que vive debaixo da água.

#### CENA V

(A cena é escurificada. Quando as luzes voltam a clarear já se passaram várias horas e já está amitecendo)

BELARMINO

...e os dois viveram felizes para sempre, meu filho. (pitando o cachimbo) Bom, tá na hora de você se deitar...de ir pra casa.

GANDINEO

Ah, tio, eu queria ficar com o senhor, ouvindo as histórias e os mistérios da mata!

BELARMINO

Isso são mistério, que a gente não deve falar muito. Sabe, meu filho, quando a noite cai...o Tutu Marabala aparece para puxar as orelhas de tudo que é menino desobediente, que não quer dormir.





2

8

CANDINHO

E ele vem mesmo?

BELARMINO

Vem, Candinho, vem... escuta só!

CENA V

IV ANO

(Surge o Tutu Maranhão, uma espécie de Bicho-Papão, com o corpo coberto de folhas. O menino recua um pouco.)

TUTU

Boa noite, Compadre Belarmino. (olhando para o menino) Ué? Criança a esta hora de olho aberto? (Puxa-lhe as orelhas)

CANDINHO

Aiiiiihhhh! (retribui com um pontapé)

TUTU

Uiiiiihhhh! Moleque levado! Lugar de criança é na cama! (Para Belarmino) Me tras um chazinho prá curar a canseira, Compadre. (senta-se na cadeira preguiçosa do Tio Belarmino)

BELARMINO

(Indo para dentro de casa) É só esquentar... fica aí com o Candinho.

CANDINHO

(depois de medir o Tutu com o olhar) Há quanto tempo conhece o tio Belarmino?

TUTU

Ihhhh, a muito tempo! É uma velha amizade. Sabe, tenho poucos amigos verdadeiros. A maioria tem medo de mim, por causa do meu jeito...

CANDINHO

Ha mim o senhor não mete medo?

TUTU

É porque você já está crescendo. Só as crianças pequenas e teimosas tem medo de mim... Mas, de uns tempos para cá, nem isso! Existe pelo mundo, muito monstro mais terrível do que eu. E eu já nem prá agustar sirvo... estou ficando velho e cheio de reumatismo.

CANDINHO

Porque o senhor não se aposenta?

TUTU

Eu não. Seria muita monotonia para mim.

CANDINHO

Tem que o senhor poderia trabalhar num daqueles filmes de dar medo que os americanos fazem... no cinema!

...chamam-se filmes de terror...



TUTU  
 Isso é bobagem. Não quero gastar a minha imagem de Bicho-Papão  
 no cinema, menino.  
 CANDINHO  
 Hum...entendi!

## CENA VII

(Belarmino vem com o chá para o bicho Tutu. Ele aceita e bebe  
 de um só gole)

BELARMINO  
 Tá pronto, o chazinho! Este cura cunseira e reumatismo (explica-  
 do para o menino, que nunca vira um monstro tomando chá)

BELARMINO  
 Sabe, Compadre Tutu, tão querendo me botá pra fora daqui e der-  
 rubá boa parte da floresta. Até na lagoa vão botá a mão.

TUTU  
 (Engasga-se com o chá) Crus-crede, Compadre?

BELARMINO  
 Veio um homem me dizê que eu tava fora da lei...e vou perdê a  
 casa.

TUTU  
 E ele pode fazer isso?

CANDINHO  
 Pode, sim Tutu.

TUTU  
 Pier para êle? Vou cosinhar o endemoniado no meu tacho de barro  
 até ficar torradinha?

CANDINHO  
 Que bom, que bom!

BELARMINO  
 Aqui eu não quero briga, não. Nem ninguém assado.

CANDINHO  
 E se você aparecesse para ele, Tutu? Que susto êle ia ter!  
 Só um sustinho, titio! (Belarmino mania a cabeça)

BELARMINO  
 O Tutu Marambais, só aparece pra quem acredita nêlo. E esse dou-  
 tê Batista, não deve, crus crede, nem acredita em Deus!

TUTU  
 Mas eu sei de quem poderia fazer um bom servicinho no endemonia-  
 do.

CANDINHO  
 Quem, mestre Tutu?

TUTU  
 Aquela pestinha do Saci. (O Saci aparece gritando e rindo alto)

SACI  
 Olha eu aqui! Tutu Marambais...cuidado com o reumatismo!





TUTU

Te pago, diabinho, pretinho dos infernos! (tenta perseguir o Saci, que se esconde em toda a parte) Gadê o moleque?

SACI

Aqui, aqui... bicho bobão! (Belarmino e Candinho tentam acalmar o Tutu Marambeia, que quer avançar para o Saci)

CANDINHO

Calma, Compadre Tutu. Assim, não se consegue nada!

TUTU

(para o Saci) Escuta negrinho, Compadre Belarmino está em apuro serio com um peste que quer tira-lo daqui da mata. Vê se bota um despacho bem feitinho no caminho daquele excomungado, prá secar a perna dele inteirinha!

SACI

(dando uma gostosa gargalhada) Tá feito!

BELARMINO

Não, Assim não. Nada de despacho, nem dor na minha consciência. As coisa têm que se resolvê conforme a vontade de Deus Nosso Senhor. Senão, nada que se fizé, vai presta!

#### CEMA VIII

(A Iara aparece na Lagoa)

IARA

Cheguei tarde para a reunião... ou não iam me chamar, só por que sou mulher?

BELARMINO

De modo algum, princesa! Ku até já tava pensando em você!.. (A Iara sai da água, agitando-se um pouco. Tem o corpo molhado e muito elegante)

IARA

Ouvi tudo o que disseram, senhores;

TUTU

Mulher tá sempre escutando conversa de homem.

IARA

E daí? Só assim a gente fica sabendo das coisas. (Imperiosa) Pois eu tenho a solução para este problema.

TUTU

Lá vem bobagem que não se aproveita!

IARA

Oré, ponha-se no seu lugar, bicho enfolharado. Quero Falar!

BELARMINO

Quieto Tutu. Deixa a princesa fala.

CANDINHO

Qual é o plano?

IARA

Vou atrair este homem danado até o mais profundo recanto da lagoa, com os meus modestos encantos. Ele não me resistirá.

CANDINHO  
Vai afogar o homem?

IARA

É lógico, rapaz. Estou nessa profissão há séculos.

BELARMINO

Sinto muito, princesa. Sei que todo mundo que ajuda. Mas assim não quero não.

CANDINHO

Mas, se ficarmos parados...vão por Tio Belarmino num hospício.

Vão construir um hotel para turistas, no lugar dessa casa. E

tudo que é gente vai tomar banho na lagoa...

IARA

(assustada, desmaiada) Aiiiiiihhhh...minha lagoa!

TUTU

(acordando a Iara) Calma, mulher, que fogueira!

CANDINHO

(Iluminado) Ah, já sei...já sei...está tudo resolvido!

BELARMINO

Mas sem violência, meu filho. Não.

CANDINHO

Sem violência, só esperteza, tio. (para todos) Atenção pessoal

Vamos roubar aqueles documentos do doutor da cidade, que provam

que o terreno tem dono. (todos pulam de faceiros)

Vou explicar a vocês, escutem.

(A cena é escurecida)

CENA IX

(É Dia. Tio Belarmino está adormecido na cadeira preguiçosa.

Entre o Dr. Batista batendo palmas)

BATISTA

Desculpe acordar o senhor. (canta elegante)

BELARMINO

Ah, é o senhor doutor, outra vez?

BATISTA

Sim, sim. São uns papéis para assinar. Mera formalidade.

BELARMINO

Parece que o senhor doutor, com o devido respeito, vive de formali-

dades?

BATISTA

(sorri amarelo) Assine aqui, por favor.

BELARMINO

É o que é isso, patrão?

BATISTA

Bem. Um documento que atesta que o senhor tem direito à receber

ajuda financeira para morar em outro lugar, que desejar. Visto

que agiu de boa fé, embora contra a lei.

BELARMINO

E se eu não quiser assinar, patrão?

BATISTA

Perderá a casa do mesmo jeito, sinto muito.

BELARMINO

O senhor sente...está se vendo. (surge o Saci e arranca o papel

das mãos do Dr. Batista)





BATISTA

(notando ser roubado) O que é isso? Poderia jurar que alguém me tirou das mãos o documento que o senhor iria assinar.

BELARMINO

Eu não fui, doutô (mostrando as mãos) Tô de mão vazia. Mas eu assino o tal papé, onde estive. Mas o senhô precisa me mostrá outra vez aqueles papel cheio de assinatura, do terreno.

BATISTA

Pois, muito bem. Para provar ao senhor como as minhas intenções são as mais honestas possíveis e que estou amparado pela lei... aqui estão. (mostra-lhe os papéis, um pouco desconfiado)

BELARMINO

(recebendo-os) HUM ...deixa vê... tá certinho... tudo certinho.

(Candinho e o Tutu Marambaia, a este tempo tentam roubar os documentos, de todos os modos)

BATISTA

Engraçadô. Tenho a impressão que estou sendo seguido ou espiado, desde que cheguei por aqui.

BELARMINO

Bobag, patrão.

BATISTA

Alguém me roubou das mãos aquele documento...

(Neste momento, Batista agarra o menino, que tentava apoderar-se dos papéis)

O que estava tentando fazer, menino?

CANDINHO

Eu... nada!

BATISTA

Nada é? (avançando para o menino) Pois vai me explicar muito bem...

BELARMINO

Deixa o menino, Seu Doutô.

CANDINHO

O senhor é um grandalhão metido à besta! (O Dr. Batista vai pegar o menino, quando o Tutu Marambaia surge por detrás e golpeia o homem com um pedaço de árvore)

BELARMINO

(olhando o homenzarrão estendido) E agora, meu filho?

IARA

(aparecendo) Que gritaria é essa? Agarraram o homem?

CANDINHO

(tomando os papéis) Agora agrramos isso, e a princesa os afunda na lagoa, debaixo de uma pedra.

IARA

Pode deixar, (apodera-se dos documentos, muito alegre)

CANDINHO

Acho melhor a gente dar no pé.

BELARMINO

É... e eu vou tentá acordá o doutô. (Candinho e o Tutu Marambaia se escondem) Princesa, vou precisá de um pouco de água... prá acordá o home (ri-se um pouco, divertido)

LARA

Vou buscar na lagoa. (vai e volta com um pouco d'água e despeja sobre o Dr. Batista)

BATISTA

(acordando) Eu vou processá-lo! Vou pô-lo num hospício! Vou...

CANDINHO

(aparecendo) Não vai nada!

BELARMINO

O menino não tem culpa, seu Doutô.

CANDINHO

(ajudando) É que caiu lá de cima uma enorme jaca na sua cabeça.

BATISTA OLHA PARA CIMA

BELARMINO

É...bem lá de cima, patrão.

BATISTA

Muito bem, E aonde está a jaca?

CANDINHO

Nós a comemos, né tio, para castigá-la!

BATISTA

(E) as escrituras do terreno?

OS DOIS

Não sabemos!

BATISTA

É bom que saibam, até amanhã, quando o pessoal da demolição chegar.

CANDINHO

Sem papéis, sem documento...o senhor não vai poder demolir nada, nem derrubar a mata.

BATISTA

Sim (irônico) se não tiver os documentos necessários...

CANDINHO

Sem eles...o terreno não tem dono.

BATISTA

E quem lhe disse que não tem dono?

CANDINHO

Sem provas...o senhor não pode fazer nada!

BATISTA

(numa gargalhada) Menino idiota! Não sabia que para todos os documentos, existem cópias? Adeuzinho. Prepare a trouxa, velhote. (sai triunfante)

ORNA I

CANDINHO

E' que vamos fazer agora, tio?

BELARMINO

Nada, meu filho, Só sei duma coisa. Não ssio daqui nem vivo, nem morto.





BELARMINO

Olha, meu filho. Não tem que se preocupar não. Deus do céu tá vendo isso. Não vai deixar. Mesmo não é coisa pra esquentar a cabeça, não.

Escute o que eu vô digê pra você. Coisa ruim acontece sempre. Mas se tudo fosse bom... mundo não era mundo.

Olha, hoje não é dia de falar em coisa triste. É dia de festa.

Festa na mata!

CANDINHO

Festa?

BELARMINO

Festa sim. Casamento! A princesa da Lagoa vai casar com o príncipe Barnabé, que é neto do Lobisomem.

(Uma melodia suave invade a mata. Surge o Príncipe)

GENA XI

PRÍNCIPE

(chamando a eleita na lagoa) Ó amada Iara, princesa de todas lagoas. Vinde à tona, para que possamos nos casar!

CANDINHO

Que bonito, tio! Como ele fala bonito...

BELARMINO

(rindo-se) O pior você vai vê, meu filho. A verdade é que o príncipe Barnabé, já é casado, e por imposição do avô, o velho lobisome.

CANDINHO

Com quem tio?

BELARMINO

(rindo mais ainda) Com a mula-sem-cabeça! Que tá tão velha quem nem mais fogo cospe pela goela!

(A IARA aparece, com véu e grinalda, saindo da lagoa)

IARA

Ah, meu príncipe encantado! Tudo pronto para o casório? Pa-péis, convites e docinhos?

PRÍNCIPE

Sim, sim.

IARA

Estou tranquila. Finalmente vou ser desencantada. Quantos homens morreram por mim de paixão... no fundo da lagoa.

PRÍNCIPE

Sim, sim... tudo será esquecido, minha princesa.

(Entra a Mula-sem-cabeça, de bolsa e sombrinha, muito irritada)

MULA

Homem sem coração. Descarado! (avança para ele)

Não vê a senhorita, que ele é casado comigo?

IARA

Não senhora, dona Mula. Ele é meu!

MULA

Seu, umas conversa!

MULA

Desavergonhada... namorada de...

IARA

Explique-se, Barnabé... ela tem ou não tem razão?

PRÍNCIPE

Tem e não tem, não é? (apavorado esconde-se da Mula)

MULA

(dando-lhe com a sombrinha, furiosa) Fala, descarado, Fala! Aquela tonto lobisomen, seu avô, que deus o tenha, não fêz que a gente se casasse? Fala, sem vergonha!

PRÍNCIPE

É... eu sou casado.

MULA

(surrando o marido) Casado. Ca-sa-do! Casado comigo. Ingrato. Quantos filhos eu lhe dei.

PRÍNCIPE

Uma cambada de burros...

MULA

E o que você esperava casado com uma mula?... hipopótamos?

Casou sabendo!

(mais furiosa e ameaçadora) E ela o que poderia dar a você?

IARA

(na mesma que a Mula) Ora, queridinha, um cardume de peixes e carangueijos bem fortes e vermelhinhas.

MULA

Vai andando, sirigaita! Ele vai pra casa comigo... anda malandro... anda.. (Sai com ele pelo canote)

(A Iara fica desconsolada)

BELARMINO

Não fique triste, princesa...

IARA

Agora é que eu nunca me desencantarei. Meu destino é mesmo só fascinar os homens e nunca encontrar um marido!

(sempre lacrimosa, desaparece na lagoa)

CANDINHO

Coitada dela. É por isso que a Iara encanta os homens, tio?

BELARMINO

É sim... Candinho. É sina mesmo, num tem remédio.

Fato triste aconteceu também com o Sapi. Aquela moleque tinha um cavalo baio de orinas, bem trançadas. Um dia o negrinho tanto aprontou tanto fêz, que foi castigado.

CANDINHO

E o que aconteceu, tio?

BELARMINO

Numa noite de lua cheia, o cavalo se soltou do pretinho, e nunca mais apareceu. Dizem até que se perdeu no céu e virou estrela, meu filho.



CANDINHO

E ninguém mais encontrou o cavalo do Saci?

BELARMINO

Ai é que tá, meu filho. Toda a pessoa boa de coração, que morre encontra o cavalo baio e com êle passeia pelas estrelas a noite inteira.

CANDINHO

Que bonito.

BELARMINO

Quando este velho morrer e você já tiver esquecido dele... vai também achar aquele cavalo do saci.

(mudando de tom) Agora vai pra casa. Meu filho. Já tá de noitinha. O velho tá cansado.

CANDINHO

Não... quero ficar com o senhor e ouvir outras estórias.

BELARMINO

Não, Candinho. Você deve ir dormir. Porque amanhã você será um home feito, vai crescer e esquece de tudo que esse velho contou.

CANDINHO

Isso nunca, nunca vou esquecer do senhor, nem dessas estórias.

BELARMINO

(recitando) De noite, de noitinha

Virá o peralta saci

E com uma só pitadinha

de sono, vá fazê, você dormi.

(O Saci aparece e lerga seu pé de sono sobre o menino)

(O menino adormece. Logo se escuta um tropel de cavalo na quietude da mata. O velho Belarmino se levanta lentamente e deixando o cachimbo e o chapéus de palha, caminha para onde se escuta aquele som)

BELARMINO

Tô indo... indo... cavalo baio... Adeus meu filho.

(desaparece)

O DIA AMANHECE.

O menino acorda. Encontrando o cachimbo, o chapéu sobre a cadeira, compreende e chora muito)

### CENA XII

(ruído de carro. Vozario)

VOZ DO PAI

Não demore muito, candinho. Já vamos sair.

VOZ DA MÃE

Vem logo meu filho. Estamos atrasados.

(Entra Candinho, com roupas de viagem. Olha tudo, examina a cadeira. Enxuga os olhos, emocionado)

(Entra o Dr. Batista)

BATISTA

Bom dia. Creio que me esperavam ha uns dois ou tres dias atras. Seu Tio está?

CANDINHO

Não.

BATISTA

Espero que me desculpe pela forma com que os tratei da última vez... pois a notícia que trago, é das melhores. Bem... para você e seu Tio, é claro. Para mim, foi algo terrível. Milhões de cruzeiros perdidos. Um investimento jogado fora.

CANDINHO

(desligado) E daí?

BATISTA

Nosso proprietário. O dono destas terras entrou em falência completa. Rejeitando, dessa forma, a ideia de qualquer investimento neste terreno, por ainda muitos anos. Seu tio pode ficar tranquilo. Não iremos encomodá-lo por muito tempo. Parabéns!

CANDINHO

Não queremos os seus parabéns.

BATISTA

Eu compreendo. Não vai chamar seu tio?

CANDINHO

Tio Belarmino foi embora... para sempre.

BATISTA

Embora... foi... quer dizer? (chocado e sem jeito) Oh, sinto muito. Muitíssimo, compreende? Eu me encarregarei das despesas...

CANDINHO

Não precisa se encomodar.

BATISTA

Bem... então eu vou indo. (voltando-se) Engraçado...

CANDINHO

Engraçado o que?

BATISTA

Poderia jurar que vi seu tio hoje, como se isso fosse possível, montado em um cavalo baio... que tinha as crinas trançadas...

CANDINHO

O cavalo do Saci... o cavalo perdido. Ele o encontrou?

BATISTA

Imagem... devia estar ainda dormindo... ver uma bobagem dessas. (amável) Bem, sinto muito pelo seu tio.

CANDINHO

Era tio-emprestado.

BATISTA

Adeus, rapaz. Desculpe qualquer coisa... adeus.

VOZ DA MÃE

Candinho, vem meu filho! Vamos perder o ônibus?

(O menino levanta-se e olha ainda em torno e caminha na direção das vozes)

CANDINHO

Adeus, titio.

(A CENA ESCURECE)



ÚLTIMA CENA

A mata está silenciosa. Tudo em completo abandono. Ouve-se ao longe o canto da Iara. Aparece uma menina. Aparentemente perdida, caminha pela cena. Examina a casa, a cadeira que pertenceu ao velho Belarmino)  
(O MESMO VELHO APARECE NA JANELA DA CASA. A MENINA RECUA UM POUCO)

BELARMINO OLHA PARA MENINA COM MUITA TERNURA.

MENINA

Olá...o senhor mora aqui?

BELARMINO

Sim, minha filha.

MENINA

Como é seu nome?

BELARMINO

Belarmino...e o seu?

MENINA

Carolina. A gente mora aqui perto. Meu pai tem uma fazenda perto daqui.

BELARMINO

Como é que você encontrô esse lugar, minha filha?

MENINA

Fugi de casa. Meu pai vinha aqui quando era pequeno. Vovô me contou. Vim ver como era...

BELARMINO

Seu pai não qué que você venha aqui?

MENINA

Não. Disse que a mata e a lagoa são perigosas.

BELARMINO

E você tem medo, minha filha?

MENINA

Eu não. (depois de pensar um pouco) O senhor conheceu papai?

BELARMINO

Conheci sim. Muita estória contei para ele.

MENINA

E como é que ele não se lembra do senhor?

BELARMINO

Eão. Você é pequena ainda. Não iria entendê, não. Para ele eu não existo mais. Ele cresceu é home feito. A vida é assim mesmo. As pessoa esquecem das estórias e de quem contou mais depressa do que levaram prá acreditar nela. (senta-se rindo para a menina) Quando você crescê, for grande, vai entendê também.

MENINA

(depois de uma breve exitação) O senhor também me contaria uma estória?

BELARMINO

Senta aqui, minha filha (Ela senta) Talvez você não saiba que existe uma linda princesa na lagoa, de cabelo muito verde, como as esmeralda... (Ouve-se o canto da Iara muito ao longe, e a voz do tio Belarmino vai sumindo)